

Amthal – a pedagogia de Deus¹

Jean Lauand²

Resumo: O artigo discute os diversos significados, confundidos no conceito árabe de *mathal* /pl. *amthal* (hebraico *mashal*), situado no centro do Alcorão e da Bíblia. *Mathal* (parábola, provérbio etc.) é a essência da “Pedagogia de Deus”.

Palavras Chave: *amthal*. educação oriental education. Alcorão. Bíblia.

Amthal – Pedagogy of God in the Quran and in the Bible

Abstract: This article discusses the arabic concept *mathal* /pl. *amthal* (hebraic *mashal*), which lies in the very center of the Quran both the Bible. Their different meanings (from the point of view of western languages) have deep down an unity and *Amthal* is the soul of His pedagogy.

Keywords: *amthal*. Oriental education. the Quran. Bible.

“Allah não se envergonha de falar por meio de *mathal*, mesmo que se trate de um mosquito” (*Alcorão* 02, 026).

Em torno da definição de *mathal*

Mathal em árabe (ou seu exato correspondente em hebraico *mashal*; pl.: *amthal* e *mashalim* resp.) é uma dessas tantas palavras semitas que confundem em si diversos significados que as línguas ocidentais fazem corresponder a distintos vocábulos. Assim, se quisermos cobrir o campo semântico em torno de *mathal* (ou do radical tri-consonantal, a alma da palavra semita; no caso: *m-th-l*), encontraremos: provérbio, parábola, comparação, metáfora, exemplo, modelo, ditado, adágio, semelhança, analogia, equivalência, símile, apólogo, modelo, imagem, ideal, escultura, esgarçamento, tipo, lição, representação diplomática, interpretação teatral ou cinematográfica, etc.

Mesmo que atinemos, em cada caso, com a tradução mais adequada, sempre se perde o caráter confundente do original, que pensa conjuntamente todo o campo semântico. *Mathal*, palavra comum às línguas semitas, é, assim, empregada indistintamente para diversos gêneros e figuras de linguagem, envolvendo semelhança e comparação - *mithl* significa “como” - no centro dos quais estão os nossos provérbios e parábolas.

O uso da palavra *mathal* na Bíblia

Para uma aproximação concreta da riqueza de conteúdo desse conceito, comecemos exemplificando com um contexto familiar, o da Bíblia (em português, usarei preferentemente a *Bíblia de Jerusalém*). Nela, o uso de *mathal* é empregado em situações, para o leitor ocidental, muito variadas. Assim, numa edição árabe da Bíblia (al-Kitab, 1986), encontraremos, com toda a naturalidade, a seguinte gama de significados (entre outros) em torno de *mathal*:

¹. Originalmente, conferência no *I Encontro Cemoroc Educação: Os Orientes*. São Paulo, 21-12-11.

². Prof. Titular FEUSP (aposentado) e do PPGE da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br

a) *Provérbio*. É o sentido mais usual (já o “Livro dos Provérbios” é “*Kitab al-Amthal*”). E, entre tantos outros, encontraremos, por exemplo, em I Sam 24,14: “Como diz o antigo *provérbio (mathal)*: ‘Dos ímpios procede a impiedade...’”.

b) *Sátira, objeto de escárnio*. Como no caso de Jó que, em extrema desgraça, derrama-se em lamentações e diz: “Tornei-me *objeto de sátira* entre o povo (*mathalan al-shu'ubi*), alguém sobre o qual se cospe no rosto” (Jó 17,6). Naturalmente, não nos seria imediatamente compreensível uma tradução como a da edição em castelhano da *Bíblia de Jerusalém*: “*Me he hecho yo proverbio (!?) de las gentes, alguien a quien escupen en la cara*”.

Mas, afinal, a verdade é que Jó se torna proverbial: até hoje há, em diversas línguas, expressões idiomáticas que falam em “paciência de Jó”, o homem escolhido por Deus como modelo de comportamento exemplar em situações de extrema provação. A Pedagogia de Deus, que quer oferecer modelos concretos, não poupa sofrimentos a justos como Jó, Oséas ou a Seu próprio filho, Jesus. O caso de Oséas é ainda mais intrigante: Deus o manda desposar uma prostituta e, amando-a devotadamente, passar por todos os sofrimentos de corno, para mostrar - por comparação - como é Sua misericórdia e Seu amor!

c) *Escarmento, exemplo de castigo*. Assim, em Ezequiel (14,8), Iahweh, irado com a infidelidade, lança a ameaça contra o idólatra: será extirpado do meio do povo e dar-lhe-á castigo exemplar. Embora preserve o sabor semita do original, do ponto de vista da linguagem comum é um tanto descabida, para nós, uma tradução como a da *Bíblia de Jerusalém*: “Porei o meu rosto contra esse homem, farei dele um sinal e *um provérbio (!?)*...”. Já o “correspondente” árabe *ayatan wa mathalan* é perfeitamente adequado (*ayat* significa sinal).

d) *exemplo, ideal* a ser seguido. Como em Jo 13,15: “Dou-vos o *exemplo (...mathalan...)* para que, como eu o fiz, também vós o façais”.

e) *Parábola*. Como em Mt 21,33: “Escutai outra *parábola (Isma'u mathalan...)* . Havia um proprietário que plantou uma vinha etc. etc.”.

f) *Comparação*. Usa-se *mathal*, mesmo que não haja estrutura narrativa (própria da parábola). Assim, em Mt 13, 31 e ss., após as parábolas que *narram* o destino das sementes do semeador e a história do joio e do trigo, Cristo propõe “outro *mathal*”, que é mera comparação (sem enredo narrativo): o reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda, que é a menor de todas as sementes... Como também o imediatamente seguinte (também introduzido por “*...mathalan...*”: o reino dos céus é semelhante ao fermento que atua sobre a massa... Nessa mesma linha, está o *mathal* (Mt 24, 32) dos sinais, indícios: “Aprendei da figueira esta *parábola (!?) (mathal)* quando o seu ramo se torna tenro e as suas folhas começam a brotar, sabeis que o verão está próximo (da mesma forma, será a vinda do Filho do Homem etc.)”.

g) *Fala velada, enigmática*, obscura. Em João 16,25, Cristo declara aos discípulos: “Disse-vos essas coisas por *amthal*... já não vos falarei por *amthal*, mas claramente vos falarei do Pai”. E, em Jo 16,29, os discípulos respondem: “Eis que agora falas claramente e sem *mathal* algum”.

A raiz *M-Th-L* no Alcorão

Também no Alcorão, as palavras em torno do radical *m-th-l* são freqüentes: aparecem cerca de 150 vezes em 135 *ayat*. Percorrendo praticamente o mesmo amplo espectro de sentidos do hebraico *m-sh-l*, dá-se um caso em que a tradução de *mathal* deva ser “provérbio”. Trata-se da passagem (36, 078), na qual o homem – “porfiador

declarado” (36, 077) - vale-se de uma formulação proverbial (*mathalan*) para desafiar o poder ressuscitador de Deus:

Quem dará vida aos ossos estando podres?

Naturalmente, há no Alcorão inúmeros provérbios, como (07, 176):

“O cão que ofega tanto se o atacas como se o deixas em paz”.

É o caso também de expressões proverbiais como “Casa de aranha” (para indicar fragilidade 29, 041); “Gado de um só grito” (para teimosia, surdez 02, 171); “Asno que carrega livros” (62, 005) etc. A idéia de comparação está sempre presente.

Somente para efeitos de registro, a forma básica isolada *mithl* aparece em vinte e cinco versículos, sempre no sentido de “semelhante”, “como”. Há cinco ocorrências da forma *bi-mithl*, todas também no sentido de “no mesmo”, “na medida” “da mesma maneira”. Unidas a pronome, temos *mithlkum* e *mithlna*, *mithlhu* e *mithlha* e *mithlhuna*. Dão-se também os plurais *amthalkum*; *amthalha* e *amthalhum*. Encontramos ainda algumas outras formas.

Já *mathal* (ou seu plural: *amthal*), em forma simples ou conjugada, adquire os significados tradicionais de comparação, símile, parábola, exemplo (nos sentidos de ideal positivo ou de castigo exemplar) etc.

O importante é que o discurso em *mathal* é uma forma tipicamente semita. O Alcorão, repetidas vezes, declara expor aos homens (que nem sempre sabem corresponder) *kulli mathalin*, todo tipo de *amthal*.

Neste Alcorão, expusemos aos homens todo tipo de exemplos (*mathalin*), mas a maioria dos homens quer ser infiel. (17, 089)

Neste Alcorão, expusemos aos homens todo tipo de exemplos (*mathalin*). Mas o homem é, de todos os seres, o mais discutidor (18, 054)

Neste Alcorão, expusemos aos homens todo tipo de exemplos (*mathalin*) (30, 058).

E em 39, 027-028 liga expressamente esta postura ao fato de ser um Alcorão árabe: “Neste *Qur'an*, expusemos aos homens todo tipo de exemplos (*kulli mathalin*). Talvez, assim, deixem-se admoestar. É um *Qur'an* árabe...”.

Deve-se destacar também o *mathal* enquanto *sinal de Deus*, a ser decifrado pelo “crente”, por “aquele que pensa”, “que ouve”, “que vê”... (para usar apenas algumas das expressões do Alcorão).

O *mathal* como revelação/velação

O *mathal* como revelação/velação, requer considerações mais detidas.

Na pedagogia de Sua infinita sabedoria, Allah propõe *amthal* aos homens (24, 035; 14, 025 etc.). A rigor, só Ele o pode fazer: “Não ponhais Allah como objeto de vossas comparações (*al-amthal*)! Allah sabe e vós não sabeis” (16, 074)

E já o começo da sura *Al-baqarah* anuncia um texto fundamental (02, 026):

Allah não se envergonha de falar figuradamente (por *amthal*), mesmo que se trate de um mosquito. Os que crêem sabem que é a verdade que vem de seu Senhor. Já os que não crêem, dizem: ‘Que é o que Allah está propondo figuradamente (por *amthal*)?’’. Assim, Ele extravia a muitos e também encaminha a muitos. Mas não extravia senão aos perversos.

Assim, na pedagogia divina o *mathal* serve para esclarecer os fiéis, por exemplo em 30, 028: “(Allah) propõe figuradamente (*mathalan*): E assim explicamos detalhadamente os sinais/versículos aos que raciocinam”; e para obscurecer e confundir os que insistem em ficar fora do caminho! Como, por exemplo em 74, 031: “Para que os infiéis digam: ‘Que é o que Allah pretende ao propor figuradamente (*mathalan*)?’”

Este último caso é, para os padrões ocidentais, intrigante. Pois o uso do *mathal* - enquanto comparação, parábola ou provérbio - não é precisamente para ensinar, esclarecer, elucidar? E o próprio Evangelho - Mt 13,34-35 - não diz de Jesus: “E sem parábolas (*biduni mathalin*) nada lhes falava, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca em parábolas (*bi amthalin*); proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo’”?

Mas, curiosa e misteriosamente, na tradição oriental, os *amthal* têm não só a função (evidente) de revelar, de tornar manifesto algo, mas também, por vezes, a de ocultar, de velar algo, função esta que não é tão imediatamente evidente. Uma tal contradição aparente se manifesta em duas surpreendentes metáteses - e as metáteses árabes nem sempre são casualidades, mas frequentemente trazem sugestivas associações semânticas - de M-Th-L: Th-L-M, “fazer uma abertura” e L-Th-M, “velar, encobrir”³. (Ao contrário das nossas meráteses, que quando têm sentido – como em podre/poder, orienta/norteia –, é por acaso; as metáteses do árabe parecem obedecer a alguma conexão semântica).

Trata-se, assim, de compreender como e porque os *amthal* escondem e manifestam o sentido do mundo. Para tanto, voltemos a considerar os *amthal* de Cristo: a velação/revelação nos *amthal* de Cristo⁴.

O emprego de metáforas, parábolas e provérbios confere extraordinário vigor à pregação de Cristo. Não só seus ouvintes, mas também nós ainda hoje, nos maravilhamos com a força expressiva de seu discurso, repleto de imagens da natureza e da vida do povo. Pensemos no encanto da parábola da mulher que encontra a moeda perdida; na emoção com que está narrada a história do filho pródigo, ou a do bom samaritano; na força convincente dos provérbios evangélicos (“Não se colhem uvas do espinheiro” ou “Um cego não pode guiar outro cego” etc...); no lirismo com que são evocadas as aves do céu; na límpida simplicidade das cenas com que descreve o cotidiano de seu povo - os cuidados do campo, os afazeres da pesca, o remendo do vestido velho, a armazenagem do vinho etc.

Mas o sentido dos *amthal* de Cristo não se mede pelo seu atrativo poético, nem sequer pela sua eficácia pedagógica: a parábola do semeador, por exemplo, não foi compreendida sequer pelos apóstolos, aos que Cristo faz uma enigmática declaração, semelhante à que vimos no Alcorão, em Mt 13, 13: “Por isto, Eu falo em parábolas: porque eles, olhando, não vêem, e ouvindo, não compreendem!”,

³. Na verdade, não chega a ser totalmente raro na língua árabe que a mesma palavra tenha sentidos opostos: *al-jawn* pode significar branco ou preto; *al-jalal*, grande ou pequeno; *al-bayn*, ligação ou separação; *ar-raja*, desejo ou medo (Devo esta nota ao Prof. Dr. Helmi M. I. Nasr)

⁴. Nos quatro próximos parágrafos, resumirei as análises do cap. I de (Pinsk, 1957).

cumprindo assim a profecia de Isaías: “Ouvireis e não compreendereis. Para que não se convertam e não sejam perdoados”.

A forma externa simples da parábola (a genial descrição da natureza e de processos psicológicos) pode distrair o leitor de uma outra “leitura”, mais profunda. Mas é precisamente este outro nível, o da manifestação de Deus, o que Lhe interessa, do mesmo modo que Cristo não cura doentes para obter resultados médicos. E quando o ouvinte não capta a realidade de Deus e de Sua obra, a parábola é inócua para ele. Tal captação depende, em última instância, das disposições interiores: para aquele que não quer crer, a parábola, *precisamente* por sua forma literária, obstrui o caminho da compreensão do sentido espiritual; já para os corações simples e bem dispostos, os *amthal* são revelação (“A vós foi dado conhecer o mistério do Reino de Deus”). No próprio Jesus que, como Verbo Encarnado, é Ele mesmo um *mathal*, muitos não viam senão um mero homem, o “filho do carpinteiro”.

Quando Tomás de Aquino discute a conveniência de que Deus se revele por *amthal* (*similitudines*) na Sagrada Escritura (I, 1, 9), após lembrar que o ensino por comparações sensíveis é o mais adequado à natureza do homem (espírito intrinsecamente unido à matéria), enfrenta a objeção de que os *amthal* ocultam a verdade (*Sed per huiusmodi similitudines veritas occultatur*). E responde: “O raio da divina revelação não se extingue por ser comparado ao sensível em que se envolve (*circumvelatur*), mas permanece em sua verdade: cabendo às mentes que são destinatárias da revelação ascender a seu sentido superior...” E em III,42,3, dirá que, mesmo para aqueles, a quem as parábolas permaneciam veladas - porque não eram dignos ou capazes de apreendê-las em seu sentido profundo -, “melhor lhes era receber esses ensinamentos velados, do que ficar totalmente privados deles”.

E conclui destacando um importante ponto da Pedagogia do *mathal*: ele lembra que o lado sombrio do claro-escuro dos *amthal* (*ocultatio figurarum*) é útil para exercitar o engenho dos que a eles se aplicam e para subtrair seus ensinamentos à burla dos que não querem crer...

Os diversos níveis de leitura do mundo como *mathal*

Não só as Escrituras, o próprio mundo é também uma parábola que admite diversos níveis de leitura. Afinal, diz Tomás de Aquino, Deus cria por Seu *Logos*, *Verbum*, Sua Palavra, Seu Pensamento e “assim como a palavra audível manifesta a palavra interior do pensamento, assim também a criatura manifesta a concepção do Pensamento divino... As criaturas são como palavras que manifestam o Verbo de Deus” (I d.27, 2.2 ad 3).

Deus - que “dispôs tudo com medida, número e peso” (Sab 11, 20) - fez deste mundo um grande *mathal* para o homem. Pois Deus se comunica através de *ayat*, sinais. Sinais são não só prodígios portentosos, mas também as coisas corriqueiras do mundo e o próprio mundo como um todo é um sinal.

Note-se, nesse sentido, que do radical árabe 'L-M derivam as palavras árabes para “mundo” e “sinal”, “marco”. E não por acaso, Sartre (1973, 17) identifica seu ateísmo com a sentença: “Não há sinais no mundo”.

E o Alcorão não se cansa de repetir: “...*nisto*, certamente, Allah estabeleceu sinais para quem está disposto a refletir”. *Nisto*: “Na criação dos céus e da terra e na sucessão da noite e do dia” (03, 190). “Ao fazer as estrelas para que possais dirigir-vos por elas entre as trevas da terra e do mar” (03, 097). “Ao fazer descer água dos céus, e que as árvores frutifiquem e dêem cachos ao alcance da mão” (03, 099). “Foi Ele quem fez do sol, claridade e da lua, luz. Quem determinou as fases da lua para que

saibais o número de anos e o cômputo. Allah não criou isto senão com um fim. Ele explica os sinais aos que sabem” (10, 005). Etc., etc., etc.

Assim, Allah que é sutil, *Latyf* (*Alcorão* 33, 034), fala por sinais, parábolas e metáforas:

“Ele fez descer do céu a água, que desliza pelos vales, segundo sua capacidade. A torrente arrasta uma espuma flutuante, semelhante à escória que se dá na fundição para fabricar jóias ou utensílios. Assim fala Allah em *mathal* da Verdade e do falso: a espuma se perde e fica na terra o que é útil para os homens. Desse modo, Allah propõe os *amthal*” (13, 017).

Como vimos, o Alcorão afirma que, até através de um mosquito, Deus fala ao homem por *amthal*; já o Velho Testamento remete à formiga: “Vai, preguiçoso, vai ter com a formiga, observa o seu proceder, e torna-te sábio” (Prov 6, 6). E Cristo convida a aprender a sabedoria de Deus, olhando os lírios do campo, as aves do céu e o mundo em geral: “Aprendeis da figueira o *mathal*...” (Mc 13, 28). E o Apóstolo diz: “Na lei de Moisés está escrito: ‘Não atarás a boca ao boi que debulha’. Mas, acaso Deus se ocupa de bois? Não é, na realidade, em atenção a nós que Ele diz isto?” (I Cor 9, 9-10).

Com a unanimidade das três grandes religiões, não é de estranhar que o oriental valorize a busca de *amthal* no mundo e busque orientar sua vida por provérbios, parábolas e metáforas, comparando e aprendendo a sabedoria pela observação da natureza.

Não é de estranhar também que, para a estreiteza do ocidental de hoje, encerrado em seu mundo tecnologicamente domesticado, obcecado pelo acessório, a observação da natureza tenha deixado de ser interessante e já não lhe diga mais nada: para ele, falam mais alto o culto à eficiência e ruídos eletrônicos dos diversos artefatos de que se cercou. E a sabedoria, também esquecida, encontra seu *Ersatz* também na técnica de especialistas: terapeutas e analistas.

Referências

Al-Kitab 1986 *Al-Kitab al-muqadas*, Dar al-Kitab al-muqadas fy ash-sharq al-awsat, 1986.

PINSK. Johannes, 1966 *Hacia el Centro*, Madrid, Rialp.

SARTRE, Jean-Paul, 1973, “O Existencialismo é um Humanismo” in *Os Pensadores* vol. XLV (Sartre-Heidegger). São Paulo, Abril.

Recebido para publicação em 27-12-11; aceito em 22-01-12